



PROPOSITUM

Novembro de 2025

**Caríssimos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco,
Paz e todo o bem!**

Com a festa do nosso Seráfico Pai São Francisco deste ano de 2025, concluímos o oitavo centenário do Cântico do Irmão Sol e nos aproximamos do centenário da Páscoa de São Francisco, que celebraremos no próximo ano.

Neste Propositum, publicamos as duas últimas contribuições do Padre David Couturier para a Assembleia Geral da CFI-TOR 2025:

- *Reparar o mundo*, em que Couturier analisou como a globalização, a tecnologia, as mudanças identitárias e a geopolítica estão remodelando o mundo a um ritmo avassalador. A essas ansiedades se contrapõe a visão franciscana de instituições dinâmicas, orientadas para a missão e enraizadas na fraternidade e na conversão contínua.

- *O problema do cuidado no mundo contemporâneo*. Esta nova era de cuidado baseado na missão requer um espírito de inovação, coragem e uma fé profundamente enraizada. Olhando para o futuro, acolhemos o desafio de formar líderes que não apenas levarão adiante a missão franciscana, mas a transformarão, infundindo-lhe nova energia e amor pelas pessoas que são chamadas a servir.

Queridos irmãos, no mundo em que vivemos, rezemos incessantemente para que a Rainha do Rosário obtenha de Deus o dom da paz duradoura para cada homem, para cada coração, para cada povo.

Desejo-lhes uma boa leitura. Em São Francisco

Com estima e cordialidade,

Ir. Daisy Kalamparban
CFI-TOR Presidente

Sr. Daisy Kalamparban

Sumário

Irmã Daisy Kalamparban	<i>Propositum Carta</i>	1
Fr. David B. Couturier	<i>Reparar o mundo: os Franciscanos na praça pública</i>	3
Fr. David B. Couturier	<i>Reparando a casa: Cuidado baseado em missão em tempos de isolamento</i>	18



REPARAR O MUNDO: OS FRANCISCANOS NA PRAÇA PÚBLICA

Fr. David B. Couturier

OFM. Cap., PhD., DMin. é Professor Associado de Teologia e Estudos Franciscanos
e Diretor do Instituto Franciscano
na St. Bonaventure University (USA)

Idioma original: Inglês



Quando Francisco chegou à praça pública em frente à casa do Bispo, em Assis, ele trajava sua roupas mais finas, dignas do filho de um rico comerciante de tecidos. Provavelmente as vestia com frequência durante sua juventude despreocupada, quando ele era conhecido como o "Rei das Festas" devido ao seu amor pelos banquetes, as roupas requintadas e um estilo de vida extravagante. Antes disso, ele havia combatido na guerra pelo bem e a glória de Assis contra a cidade de Perúgia, sua rival econômica e imperial. Ele se fizera soldado para se tornar famoso e ganhar o elogio de seus pares e a estima e aceitação da nobreza de Assis. Em sua mente, ele estava destinado à glória!

No entanto, a Batalha de Collestrada foi um desastre para ele desde o início. Não demorou muito para que

Francisco fosse capturado e levado como prisioneiro de guerra. Ele passou quase um ano definindo numa cela subterrânea, escura, úmida e perigosa em total solidão aguardando que seu pai pagasse o resgate. E durante este tempo todo, ele adoecia e se atormentava cada vez mais. Quando finalmente foi libertado, ele era um jovem arrebatado, enfraquecido pela malária, pela desnutrição e pela depressão. O longo período na prisão, com muito tempo para pensar, o levou a uma desilusão total contra a violência e a ganância que obcecavam seu mundo, sua cidade, sua família e até mesmo sua igreja. Vagava entre



grutas e abrigos ao redor de Assis, em busca de um novo escopo, de um significado para sua vida e daquela glória que agora lhe parecia inalcançável.

Finalmente ele encontrou algum consolo quando se deparou com a igreja de San Damiano, uma igreja velha e decrépita no coração da floresta. Lá, diante do crucifixo ele ouviu uma voz que lhe dizia: "Repare minha igreja, pois ela está caindo em ruínas". Eis algo que ele podia fazer e desejava fazer. Como era seu costume, o jovem entregou-se completamente à obra, animado por uma paixão que não experimentava há muitos anos. Algum tempo depois, ele recebeu um aviso para comparecer à residência do bispo.

Havia sido convocado na praça pública pelo Bispo de Assis para responder à queixa de seu pai, que o acusava de ter roubado tecidos caros e vendido um cavalo sem autorização. Com o que ganhou da venda, Francisco comprou as ferramentas de alvenaria necessárias para restaurar as igrejas do vale subjacente a Assis. Seu pai ficou furioso. Ele queria que o filho se concentrasse nos negócios da família e parasse de perder tempo com aquilo que ele considerava bobagens absurdas, como as vozes celestes e as capelas em ruínas. Os anos que se seguiram à sua saída da prisão foram angustiantes, tanto para Francisco quanto para seus pais. Ninguém conseguia entender o que havia de errado com ele, e ele mesmo não conseguia explicar. Ele vagava sem rumo, abrigando-se nas grutas, onde passava dias e noites em solidão, pronunciando palavras sem sentido. Pietro havia tentado muitas vezes de conduzi-lo de volta à razão, mas sem sucesso, e chegou até a aprisioná-lo quando viajava a negócios. Nada parecia funcionar. A distância entre pai e filho já era insanável. E com a convocação perante o Bispo, Francisco comprehendeu com clareza que ele não podia mais ser filho de Pietro Bernardone.

E assim, logo que chegou na praça pública, ele começou a se despir. Quando ficou completamente nu, jogou as roupas finas aos pés de seu pai e declarou solememente que nada mais tinha a ver com ele, com os negócios da família e com toda a ganância e a violência que os alimentavam. Num instante, por lei, aquele ato o tornou totalmente livre e absolutamente pobre. Ele havia perdido sua casa, seu sustento, seu status e tudo o que vinha com eles.

Com apenas uns poucos trapos emprestados para cobri-lo, ele encaminhou-se sozinho para um futuro desconhecido, sem ter para onde ir. O teólogo anglicano John Milbank captura a essência do *novum* (novidade) na dramática ruptura de Francisco com a família e a sociedade. Com lungimirância Ele, presciente, pergunta: para onde vai um homem quando não tem para onde ir?

O *novum* de Francisco, estava exatamente na sua tentativa revolucionária de seguir mais de perto Jesus e os apóstolos, procurando restaurar, na medida do possível, uma vida paradisíaca na terra. Para ele, isso significava abraçar a *altissima povertà*, a "pobreza mais alta", renunciando não apenas à propriedade privada, como já faziam as ordens monásticas tradicionais, mas também a qualquer forma de propriedade em comum compartilhada. Esta recusa fundamentava o novo ideal de vida mendicante: uma existência errante e pedinte, na qual tornar-se de fato como os pássaros do céu e os lírios do campo, confiando-se unicamente à providência do Pai celeste.

O *novum*, ou dramaticamente novo para Francisco e, logo após, para seus seguidores, foi uma confiança que ia além da lei e até mesmo além dos confins da cultura. Depois de se despir na praça pública, ele não se alinhou com nenhuma cultura ou facção, mas sim com a natureza. Quando ele deixou a praça da cidade, ele não procurou um mosteiro, um eremitério no deserto, nem uma comunidade radical de rebeldes ou ascetas. Ele mergulhou diretamente na natureza, vestígio da imagem de Deus, para experimentar um novo nascimento,

uma encarnação primordial. Assim, quase sem premeditação, ele deu início a uma nova "civilização do amor", fora das convenções, dos costumes e das leis de Assis. Milbank descreve este passo radical de Francisco.

Antes de mais nada, ele não se limitou a opor-se à nova civilização urbana retirando-se no deserto dos campos ou fugindo para um convento monástico. Ele fez algo de radicalmente novo: fugir "em todo o lugar", dirigindo-se não rumo à cultura, mas rumo à própria natureza. Sua fuga não tinha um destino fixo, mas um movimento contínuo, um caminho que hoje, possivelmente, passa por todas as ruas de todas as cidades.

Assim, a pobreza e o vazio daquele momento inicial não foram simplesmente um exercício ascético. Não se tratava de uma negação que cancela a cultura, derrota os inimigos, ergue os muros defensivos ou silencia os que erram. Francisco não buscava refúgio em espaços protegidos, fossem eles desertos ou mosteiros. Sua fuga não era uma fuga dos "males da mortalidade" ou das tentações da carne. Em nenhum sentido a dele foi uma fuga do mundo.

Como justamente observa Milbank, é uma fuga para o espaço relacional do "em todo o lugar", onde são excluídas apenas a dominação e a privação. Como inscreve Francisco, a desapropriação representa a chave franciscana da liberdade, onde o *uso* prevalece sobre a *propriedade* para que as relações possam prosperar no serviço em vez que no domínio. Francisco renunciou a tudo para obter a única coisa que desejava: Cristo e aqueles a quem Cristo ama. Ele despojou-se de tudo o que antes possuía ou dominava para deixar-se capturar e deter pelo único amor capaz de satisfazer seu coração: o amor do seu Senhor.

A questão que devemos colocar é a seguinte: *como nós nos apresentamos na praça pública?* Nós, enquanto filhos e filhas distantes de Francisco, como podemos nos dispor para receber um chamado do Altíssimo? Sabemos bem que não podemos produzir uma voz do crucifixo. Embora pobres no mundo, herdamos muito da lei da Igreja e das Constituições de nossas ordens. Qual caminho tomar a partir daqui? Como recomeçar, em particular na nossa idade e cientes dos perigos do mundo pós-moderno à nossa volta? O que podemos fazer com nossas realidades e compromissos atuais? Nós não somos um Francisco de 25 anos de idade nem uma Clara de 18.



Não seria talvez mais simples e sensato retirar-nos em nossos conventos e nossos escritórios, ignorando o que acontece nas ruas e nas lojas do nosso mundo? Debruçar-se, hoje, na praça pública é tudo menos reconfortante. Ela parece polarizada, atravessada por vozes cheias de raiva provenientes de todo o lado. As questões são complicadas. As soluções são onerosas. Seria bom se afastar da praça e se abrigar numa sorveteria confortável e gostosa sorveteria nas proximidades.

Mas Francisco não nos fechou em mosteiros ou abadias. Não me lembro de nenhuma sorveteria nas proximidades da Porciúncula. Francisco nos convida sempre a caminhar com ele na praça pública para que possamos fazer nossa parte na reparação do mundo. Para fazer isso de forma eficaz, creio que seja necessário cumprir três passos: (1) honrar a grande impossibilidade de Deus, (2) cultivar um olhar contemplativo e (3) agir com resiliência e confiança.

Da Praça Pública à Reparação do Mundo

Quando Francisco deixou a praça pública, ele só possuía sua liberdade e nada mais. Ele não tinha uma família, nem amigos, nem uma casa, nem proteção social alguma. O bispo deu-lhe uma bênção e os trapos nas costas, mais nada. E, no entanto, Francisco percebeu que tinha algo que, apenas umas poucas semanas antes não poderia nem ter imaginado: o abraço do leproso e o acolhimento de um leprosário que, até pouco tempo antes ele achava a coisa mais repugnante do mundo. Agora, em vez, era lá mesmo que ele buscava amor e companhia. Ele seguiu a trilha que descia rumo às florestas aos pés de Assis e começou a servi-los, a banhar suas feridas e a cuidar de suas carnes em decomposição. Ele decidiu dedicar o resto de sua vida ao serviços dos leprosos abandonados e à reparação das igrejas. Ele havia desistido do status social e sua existência agora já era consagrada ao serviço dos marginalizados. Ele nunca teria imaginado que, graças à misericórdia e à compaixão de Cristo, teria reparado algo fosse para além da própria alma.

Como sabemos, Deus sempre tem sempre planos mais grandiosos para nós, que superam nossas expectativas. Isso foi certamente verdade para Francisco. Com o tempo, ele iria reunir à sua volta irmãos e irmãs. Juntos eles iriam viajar até os confins do mundo, evangelizando com a simples convicção de que somos todos irmãos e



irmãs diante de um Deus bom e amoroso. Eles anunciam que vivemos numa comunhão cósmica, criados numa abençoada unidade na diversidade por um Deus que de tal modo amou o mundo que lhe deu seu Filho único para nos salvar, mesmo nos tempos mais sombrios (João 3,16). Francisco se tornou um homem de reconciliação social e um irmão de compaixão universal, resolvendo os conflitos sociais em Assis e empenhando-se no diálogo Cristão-Islâmico no Egito com humildade absoluta e acolhimento cheio de graça.

O que ainda hoje me surpreende em Francisco de Assis é a mobilidade de sua compaixão. Desde o momento em que deixou a praça pública, nunca mais parou. Seu coração permaneceu sempre aberto e sua mente constantemente em busca de modos de amar e ser gentil com toda a pessoa necessitada e disposta a receber.

Às vezes me pergunto se nós também ficamos muitas vezes imóveis na praça pública, sem saber a quem recorrer e o que fazer. Nós também renunciamos a tudo, cumprindo o gesto radical de devolver ao mundo seus padrões de sucesso e realização. E, no entanto, parece que olhamos à nossa volta perguntando-nos o que fazer agora. Somos tão pequenos, e o mundo se apresenta a nós sobrecarregado de problemas de dimensões e complexidade enormes. Como podemos ajudar? Estamos envelhecendo e o custo da vida, assim como o do envelhecimento, continua subindo. Não somos mais capazes de construir escolas e hospitais como fizeram as gerações de irmãs e irmãos que nos antecederam. Com muito custo conseguimos sustentar as instituições que antes administrávamos, inclusive porque as vocações já cessaram.

Estamos na praça pública e nos convencemos que, agora que somos idosos, não há mais nada que possamos fazer. E, no entanto, já começo a ouvir as risadas das mulheres mais idosas da Bíblia. Sara, a esposa de Abraão, está rindo como fez uma vez fora da tenda, quando ouviu o anjo dizer a seu marido que eles teriam um filho na velhice. Ela não podia acreditar! Ouço Isabel, a esposa de Zacarias, rir forte, incrédula, só de pensar que Deus não possa mais surpreender o mundo com mulheres e homens que o mundo já rotulou como impotentes. E ela, sorrindo, repete as palavras sagradas: "Nada é impossível para Deus".

Olhando da praça pública: a atenção sagrada

Como podemos aprender a enxergar as coisas de uma maneira nova a partir da praça pública? Como podemos reconhecer as oportunidades em meio à alienação, à frustração e à desconfiança que marcam tão profundamente as questões sociais hoje? Vivemos num mundo perigoso. Detesto admitir e tenho vergonha de dizer que a nova administração de meu País o torna cada dia mais perigoso.

Meses atrás, o presidente dos Estados Unidos humilhou o presidente ucraniano Volodymir Zelensky, no Salão Oval. Foi uma demonstração vergonhosa e brutal de arrogância contra um homem que guiou incansavelmente seu país por mais de três anos de guerra contra um agressor injusto. O jornalista do *New York Times*, David Brooks, expressou sentimentos que ressoaram em mim. Ele falou assim do show no Salão Oval:

Eu senti enjoo, mas enjoo mesmo. Durante toda a minha vida tive uma ideia da América: um país imperfeito, sim, mas capaz de exercer uma influência positiva no mundo. Nós derrotamos a União Soviética, derrotamos o fascismo, fizemos o Plano Marshall e o PEPFAR para ajudar as pessoas na África a viver. Com certeza cometemos erros, como no Iraque e no Vietnã, mas geralmente são erros ditados pela estupidez, pela ingenuidade e pela arrogância.

Não porque somos mal-intencionados. Mas o que eu vi nas últimas seis semanas é que os Estados Unidos se comportaram de maneira desprezível com nossos amigos no Canadá e no México, e o mesmo fizeram com nossos aliados na Europa. Hoje tocamos o fundo, agindo de modo vergonhoso contra com um homem que está defendendo os valores ocidentais, com grande risco, para si e para seu povo.

Donald Trump acredita numa coisa só. Ele acredita na lei do mais forte. E, nisso, ele está em sintonia com Vladimir Putin, com o qual ele tem em comum muitas afinidades. E ele e Vladimir Putin juntos estão tentando criar um mundo seguro para os gângsteres, um mundo onde as pessoas implacáveis possam prosperar. E hoje, no Salão Oval, vimos o resultado deste esforço.

E comecei a pensar: será que estou sentindo tristeza? Será que estou me sentindo chocado, como se eu estivesse numa alucinação? Mas acho que eu sinto só vergonha, uma vergonha moral. É uma ferida moral ver o próprio País, aquele que você ama, se comportar dessa maneira.

Estes momentos fazem com que muitos de nós queiram se afastar de tudo o que é político. Trata-se de situações exaustivas e exasperantes. Para que serve tudo isso? O fato é que o mundo em que vivemos é realmente perigoso. Podemos nos perguntar se é mais perigoso ou menos perigoso daquele dos Césares, na época de Jesus, ou daquele dos espasmos violentos da guerra, na época de Francisco. De qualquer forma, se quisermos reparar o mundo, devemos ter uma metodologia que nos guie com segurança através dos desafios que enfrentamos hoje em dia. Talvez vocês se surpreendam, mas iniciaremos nossa política com a contemplação. E com Clara de Assis..

Em sua carta a Inês de Praga, Clara de Assis nos fornece um método de discernimento contemplativo articulado em quatro fases. Num mundo onde o volume e a velocidade das mudanças são exponenciais, é importante dispor de uma metodologia que nos ajude a desacelerar, a focar nossa atenção e a orientar nossa vontade rumo à integridade. Um simples esquema do olhar contemplativo de Clara nos ajudará:

O quádruplo olhar contemplativo de Clara

1. **Olhe (Intuere)** – Fixe o olhar, interior e exterior em Cristo, em particular em sua humildade e em seu sofrimento. Trata-se de uma volta voluntária de seu olhar para o Senhor Crucificado.
2. **Considere (Considera)** - Esta fase implica numa reflexão profunda sobre a vida de Cristo, sobre sua paixão e sobre seu amor pela humanidade. É um chamado a meditar sobre o mistério de seu sacrifício.
3. **Contemple (Contempla)** – Vá além do pensamento e entregue-se a união silenciosa e amorosa com Cristo. Este momento de profunda conexão espiritual faz com que o amor dele a transforme.
4. **Imite (Imita)** – Conforme -se a Cristo vivendo Seu exemplo de humildade, pobreza e amor. Para Clara, a contemplação nunca é apenas uma experiência interior, mas um estilo de vida.

Clara nos oferece uma maneira de entender e dar sentido aos desafios que estamos enfrentando. Ela nos fornece um método para atravessar o enorme orgulho e a glória que envolvem a propaganda de discurso político atual. A intenção de Clara é a de encher a mente e o coração com uma imagem alternativa, aquela da humildade, da paixão e do amor de Cristo pela humanidade. Clara recomenda que se inicie todo processo de tomada de

decisões não já pela contagem dos sucessos ou dos fracassos, mas sim com um foco intencional no sofrimento e na humildade. A humildade e o sofrimento são o método do coração para abrir nossa consciência aos níveis mais profundos de empatia e compaixão. Clara nos lembra que seus quatro passos contemplativos não são os únicos, mas apenas os primeiros de um longo caminho de discernimento. Eles constituem a base de todo processo franciscano de tomada de decisões, e podemos chamá-lo "santa atenção", pois nos ensina a ver aquelas oportunidades que permanecem invisíveis enquanto não paramos para refletir sobre as provas que enfrentamos e sobre as dificuldades que encontramos.

Como vocês devem lembrar, na minha última palestra eu sugerí que a política moderna está mudando o mundo social. Permitam que eu retome brevemente o que eu disse esta manhã:

É interessante observar que inicialmente os filósofos pessimistas do Iluminismo haviam atribuído aos seres humanos uma inclinação inata para o progresso. Eles defendiam que, uma vez libertada a mente das (supostas) loucuras da religião, a humanidade poderia se dedicar ao que eles chamavam "o inevitável progresso humano". Sucessivamente, quando o "progresso" da modernidade produziu o mais sangrento dos séculos da história humana (o vigésimo século), juntamente com a terrível capacidade de aniquilação nuclear, eles abandonaram o progresso e pregaram o desespero e a alienação. E assistimos, hoje, no atual clima político, um espetáculo triste e perigoso: a reparação secular do mundo está sendo abandonada para ser substituída pelo hipernacionalismo, pelo ressurgimento da ganância desavergonhada, pelo abandono dos programas de ajuda exterior e pela ascensão de governos autoritários. Os políticos contemporâneos estão abandonando o projeto de reparar o mundo, uma característica assustadora de nossa mentalidade pós-moderna.



A principal agenda política de nossos dias não se concentra na poupança ou na proteção de nossas fronteiras. Ao contrário, tende a nos afastar dos mais fracos e vulneráveis, fazendo-nos suspeitar e desconfiar dos doentes e dos pobres, e reduzindo assim nossa disposição para ajudar os necessitados. A ordem do dia é de nos manter extasiados com os truques e negócios dos mais ricos, induzindo-nos a considerá-los nossos “amigos” e a ignorar o que Jesus disse sobre o homem rico: “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Mateus 19:24, Marcos 10:25 e Lucas 18:25). Esta estratégia de distração política está se difundindo até mesmo em países tradicionalmente conhecidos por sua generosidade internacional e ajudas exteriores. É fácil perder de vista o que está acontecendo, se não iniciarmos e cultivarmos práticas de santa atenção centradas, como recomenda Clara, no sofrimento e no amor de Cristo.

Sem a santa atenção, corremos o risco de tomar decisões que evitam instintivamente os sentimentos complexos, em vez de enfrentar as emoções legítimas, embora difíceis. Na taxonomia de Clara, tudo começa com o olhar dirigido à humildade e ao sofrimento de Cristo. É a santa atenção que nos permite de ver os pobres e reconhecer a estrutura, muitas vezes invisível, da justiça que mantém a pobreza em seu lugar. É sobre este ponto que se revela uma diferença fundamental entre a “via do mundo” e a “via do reino”. Para proteger a justiça, devemos manter olhos, mente e coração fixados nas vítimas, naqueles que não têm voz e nos mais vulneráveis. É próprio da natureza do pecado social manter costumes, convenções e códigos cúmplices que, muitas vezes, permanecem invisíveis ou quase. Mas chega uma hora em que a santa atenção pode desmascarar e tornar visível o mistério da cumplicidade. Pensem em Pôncio Pilatos, no momento em que deve tomar uma decisão. Ele *se afasta* de Cristo e lava suas mãos de toda a questão. O diálogo é interrompido, a conversa encerrada. Pilatos se retira e Cristo é condenado.

Um dos grandes ministérios da justiça social do nosso tempo seria ensinar aos cidadãos este método de atenção contemplativa e santa. Um dos perigos mais graves que os pobres enfrentam é a invisibilidade, em particular quando ela é politicamente construída ou exacerbada. O mundo nos ensina a desviar o olhar do sofrimento alheio, a “cuidar de nossa vida”, a ocupar-nos só de nossos queridos, e então se menospreza, se degrada e se desvaloriza quem sofre. Quanto mais alto é o custo, tanto maior é o desprezo. Desta forma, os pobres carregam um duplo fardo: de um lado o mal que os aflige e a dor que os paralisa, do outro as calúnias que os culpam e as difamações que os alienam.

É assim que o olhar contemplativo de Clara ajuda a dissipar a névoa do falso testemunho e a perfurar a bolha da propaganda maligna. Podemos ver isso também no *Magnificat de Maria*. Ela exclama:

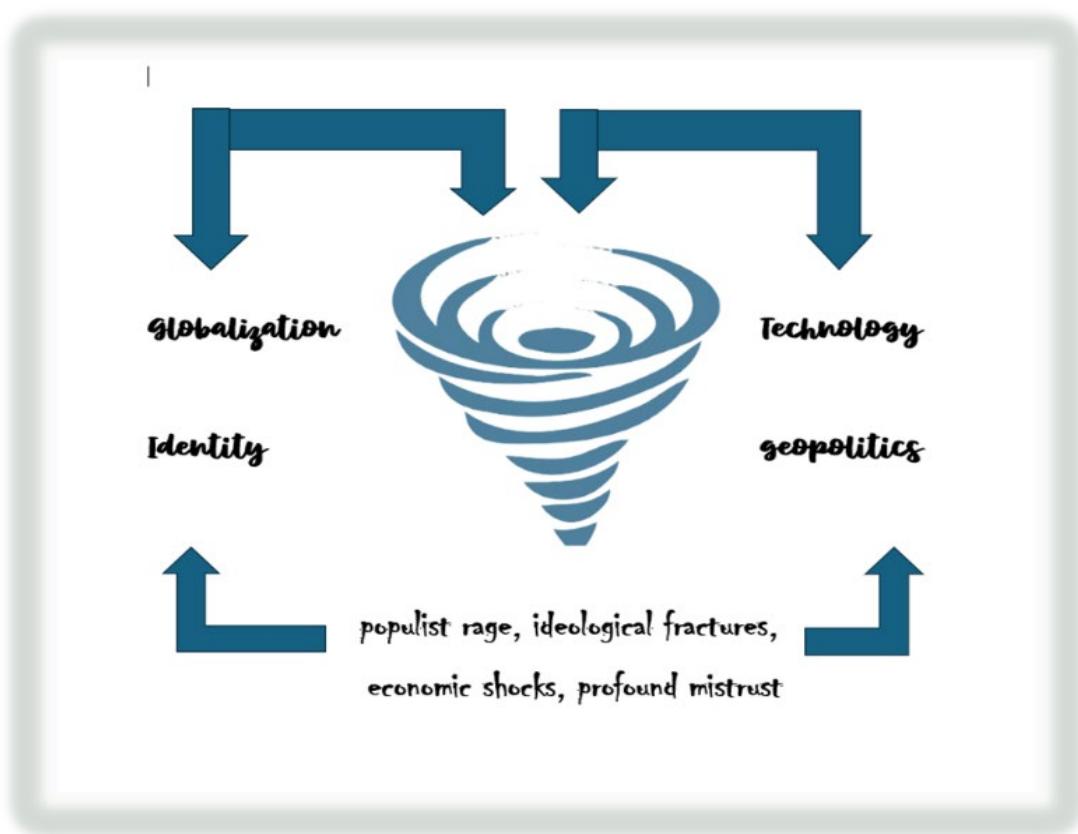
Ele derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes.
Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos. (Lucas 1: 46-55.)

Maria vê além da propaganda do Império que opõe seu povo. Ela sabe o que Yahweh fez e continua fazendo na história. Ela percebe que não é César quem traz a “boa nova”. É a “misericórdia de Deus, de geração em geração” que governa verdadeiramente o mundo, que traz a paz para as pessoas. Só o olhar contemplativo que pode reconhecer a intencionalidade paradoxal de Deus que subverte e desarma as inclinações políticas dos poderosos da terra. Dizem que nada de bom pode vir de Nazaré (cfr. João 1:46). E no entanto, é exatamente de lá que chegou a bondade: Jesus, o Nazareno.

Se quisermos reparar o mundo, não podemos começar pelas plataformas políticas. Sim, chegará a hora que as avaliaremos com a sabedoria da serpente e a mansidão da pomba (Mateus 10:16), aquele formato paradoxal e intencional que guarda juntas a justiça e a misericórdia de Deus. A serpente representa a astúcia, o discernimento e o pensamento estratégico. A pomba, ao contrário, simboliza a pureza, a gentileza e a sinceridade. Na prática, significa ser inteligentes e cientes dos perigos, mas sem tornar-se enganosos ou corruptos. É um chamado à prudência ao enfrentar os desafios, mantendo íntegro um caráter bom e justo.

Nós vimos, até agora, que reparar o mundo em termos franciscanos requer algumas condições fundamentais:

1. A renúncia;
2. A fuga para todos os lugares;
3. A presença na praça pública com humildade e
4. com uma santa atenção.



As tendências e forças que devemos enfrentar como religiosos na praça pública

Nesta última parte da minha palestra de hoje, desejo falar sobre o que somos chamados a enfrentar profeticamente na praça pública hoje. Gostaria de discutir as dinâmicas que muito provavelmente encontraremos e experimentaremos ao debater-nos na praça pública do nosso tempo.

Suponho que vocês já tenham familiaridade com muitas destas tendências. Talvez já as estejam experimentando, diretamente ou indiretamente, embora até agora nunca as mencionaram. São tendências universais que afetam todos os que escolhem habitar a praça pública. Se quisermos reparar o mundo com

integridade e com aquela "sabedoria de amor", da qual fala São Boaventura, devemos aprender a reconhecê-las e compreendê-las em profundidade.

Em seu último livro, o jornalista Fareed Zakaria identifica as quatro "revoluções" que estão provocando, atualmente, rupturas profundas e ansiedade generalizada em todos os aspectos da cultura: a globalização, a tecnologia, a identidade e a geopolítica. Como sabemos, a globalização está mudando drasticamente nosso mundo. Segundo uma das interpretações mais difundidas, a globalização é a "compressão de tempo e espaço" que nos permite transportar produtos em toda parte do globo em algumas horas ou dias. Ela nos permite viajar para continentes que antes eram acessíveis só aos comerciantes ou missionários mais aventureiros. Hoje podemos difundir, em tempo real, ideias, pensamentos, vozes e imagens no mundo inteiro. No passado a concorrência para produtos limitava-se à venda no mercado regional. Agora, em vez, é possível sentar-se em qualquer lugar do mundo e negociar com os melhores. Sou editor de livros e de uma revista acadêmica para o Franciscan Institute de New York. Meu formatador de livros e periódicos é um perito em publicações trabalhador e bem-sucedido na Índia. Não conseguindo encontrar um formatador confiável e disponível localmente, recorri facilmente e rapidamente à Índia.

Embora existam centros médicos famosos pela excelência de suas pesquisas e especializações em cidades como New York, Boston, Londres e Singapura, a ciência está se expandindo a nível global. A China está se tornando rapidamente líder em avanços tecnológicos em computadores, microchips, medicina e tecnologia espacial. Os progressos da Inteligência Artificial (IA) são alucinantes. Um dia, enquanto eu fazia uma pausa na redação destas palestras, resolvi descobrir quanto tempo a IA levaria para traduzir um dos textos em francês. Demorou cerca de 15 ou 20 segundos. Então, perguntei educadamente à IA se "ela" poderia traduzir o mesmo texto em italiano. "Ela" fez, e o fez muito bem. (Honestamente, não faço ideia do porquê saia-me natural pensar na IA em termos femininos.)

A velocidade com que a IA consegue localizar e resolver problemas complexos é surpreendente. Como professor universitário, posso confirmar que o ensino superior está mudando rapidamente graças a esta tecnologia. Não se trata simplesmente de flagrar os alunos que utilizam a IA para plagiar; o verdadeiro desafio consiste em aprender a valer-se da velocidade da IA integrando-a com o pensamento crítico e o juízo humano.

Duas outras forças estão transformando os modos tradicionais de pensar e agir no mundo: a identidade e a geopolítica. As mudanças na medicina, na biologia, na psiquiatria e nas neurociências originaram novas e complexas interpretações da identidade humana. Antes podíamos confiar no bom senso para entender a sexualidade e o gênero. Hoje a questão tornou-se bem mais complexas, não já pela resistência à religião ou à moral tradicional, mas porque a ciência, com a ajuda da tecnologia e do diálogo possibilitado pela difusão global do conhecimento, nos permitiu estudar dimensões do cérebro humano que antes eram desconhecidas.

Finalmente, a geopolítica criou novos centros de poder no mundo inteiro. O modelo bipolar da era pós-segunda Guerra Mundial, em que a União Soviética e os Estados Unidos ditavam as regras da economia global desmoronou. A recente alianças entre Putin e Trump está novamente redefinindo a ordem mundial, enquanto os aliados são obrigados a tentar interpretar os novos modelos econômicos e de segurança numa rede ainda instável.

Segundo Zakaria, todas estas mudanças estão gerando uma ansiedade profunda em todo o mundo. Não são apenas as mudanças que nos preocupam, mas também seu volume e a velocidade com a qual elas se manifestam em todas as áreas da vida simultaneamente. Não sabemos como assimilar todas elas.

Thomas Friedman fala de uma "era das acelerações". Segundo Fareed Zacharia, as reações a estas revoluções se manifestam sob forma de raiva populista, fraturas ideológicas, choques econômicos e desconfiança profunda para com quase todas as instituições, incluindo a medicina, o ensino superior, o governo e a religião. Zakaria escreve:

Desde o século XVI, as mudanças tecnológicas e econômicas trouxeram enormes avanços, mas também grandes convulsões. Estas, juntamente com a distribuição desigual de seus benefícios, alimentam uma ansiedade profunda. A mudança e a ansiedade, por sua vez, originam uma revolução da identidade que leva as pessoas a buscar um novo significado e uma nova comunidade... Nesta história, se entrelaçam duas tramas concorrentes: de um lado, o liberalismo, que implica em progresso, crescimento, convulsão e uma *revolução entendida como avanço radical*, do outro lado o iliberalismo, que representa regressão, restrição, nostalgia e uma *revolução concebida como uma volta ao passado*. Este duplo significado de revolução perdura até hoje.



Estamos tendo uma tremenda dificuldade em lidar com as mudanças e as emoções que dela derivam. Não sabemos mais como nos comportar na praça pública: devemos avançar ou recuar? Dar um passo para trás em algumas questões e avançar em outras? Como podemos tomar decisões, sobretudo quando as questões parecem tão firmemente interligadas? Como podemos nos ajudar reciprocamente para enfrentar as consequências dessas forças em jogo? Como podemos legislar e avaliar a moralidade das ações, sobretudo quando não conseguimos mais encontrar um acordo sobre o que é uma "verdade" objetiva e o que, em vez, são "fatos alternativos"? A justiça social já não parece mais tão simples como costumava ser.

Devemos enfrentar o dilema que se depara diante de nós, qual que seja nosso papel ou nossa colocação: nos hospitais, na educação, nos serviços sociais ou no âmbito da religião. Que sejamos alunos, professores, administradores, superiores religiosos ou funcionários. Não podemos permanecer indiferentes diante das perturbações e as ansiedades que estão investindo o mundo inteiro. É necessário tomar uma posição. O tempo em que vivemos e trabalhamos deve ser considerado uma época de *avanço radical* ou de *recesso radical*? Devemos promover o progresso pós-iluminista e o *laissez-faire* dos mercados livres, encorajando um orgulho crítico para a autonomia, o individualismo, a liberdade e a escolha sem limites? Ou devemos "resistir à resistência" do Iluminismo, invocando um retorno ao bem comum, a um senso de ordem e estabilidade, à tradição e à autoridade? Como podemos educar e nos orientar nesta "era das acelerações" (Friedman), onde o volume e a velocidade da mudança desafiam, questionam e convulsionam toda política, prática, procedimentos ou tradição?

E nós, enquanto líderes religiosos, como podemos ajudar nossas comunidades a se adaptarem ao volume e à velocidade da mudança? A teologia franciscana, enfatizando a humildade, a fraternidade e a conversão contínua oferece uma resposta profundamente humana e espiritual às rápidas mudanças descritas por Zakaria e às forças da "era das acelerações" de Friedman. Ao integrar os valores franciscanos, podemos promover a resiliência, a compaixão, a justiça e o bem-estar comum. A seguir referimos seis estratégias que podemos implementar ou reforçar em nossas comunidades para enfrentar os desafios de nosso tempo.

Uma resposta franciscana à era das acelerações

Estratégias de Friedman	Adaptação Franciscana
Aprendizagem contínua e adaptabilidade	<p>Um compromisso com o crescimento intelectual, moral e espiritual contínuo, incentivando a adaptabilidade através de um envolvimento profundo com o Evangelho. A teologia franciscana enfatiza a <i>conversão contínua</i>, uma abertura constante para a transformação à luz do Evangelho.</p> <p>Assim como a aprendizagem contínua permite aos indivíduos de permanecer atualizados, a espiritualidade franciscana chama a uma relação cada vez mais profunda com Cristo e com o mundo, favorecendo um crescimento integral - intelectual, moral e espiritual.</p>
Instituições dinâmicas	<p>As organizações franciscanas priorizam a inovação orientada à missão, à liderança de serviço e à flexibilidade para atender as necessidades sociais emergentes. A ênfase desloca-se no desenvolvimento de nossas instituições como Comunidades de Serviço.</p> <p>Em vez de estruturas rígidas, as instituições franciscanas promovem modelos de <i>liderança de serviço</i> e <i>inovação missionária</i>. Universidades, hospitais e ministérios franciscanos devem permanecer flexíveis, priorizando as necessidades dos marginalizados e adaptando seus serviços às mudanças sociais e tecnológicas do nosso tempo.</p>

Estratégias de Friedman	Adaptação Franciscana
Comunidades fortes	<p>O modelo de fraternidade franciscana promove a colaboração e a responsabilidade compartilhada em todas as nossas instituições, garantindo que as comunidades coloquem o bem comum no centro.</p> <p>Em contraste com uma abordagem individualista, os franciscanos priorizam a <i>fraternidade</i> – vivendo como uma família global, onde as mudanças globais são enfrentadas coletivamente, não em isolamento.</p>
Abraçar os valores éticos e humanos	<p>Uma resposta franciscana avalia as implicações éticas da mudança, priorizando a dignidade humana, a justiça social e o cuidado com a criação através de um modelo de ecologia integral e relações fraternas.</p> <p>São Francisco encarnou um modelo de vida integrado, enfatizando as relações - com Deus, com os outros e com a criação. A resposta franciscana à mudança rápida não é apenas adaptação, mas <i>discernimento</i>: de que maneira as novas tecnologias, os sistemas econômicos e as políticas promovem a dignidade humana e o cuidado da criação?</p>
Auto-motivação e Agency	<p>A mudança é vista como uma oportunidade para um envolvimento criativo com o mundo, guiado pelos valores do Evangelho e pelo compromisso com a transformação social.</p> <p>Em vez de reagir passivamente à mudança, os franciscanos abraçam a missão como resposta proativa às exigências do mundo. Isso implica em reconhecer nos novos desafios as oportunidades para testemunhar os valores do Evangelho buscando modos novos e criativos</p>
Políticas e redes de segurança social	<p>Além de mitigar as perturbações, o pensamento franciscano pede reformas sistemáticas capazes de defender a dignidade dos marginalizados e promover o bem comum. As comunidades franciscanas defendem a paz e a justiça.</p> <p>A teologia franciscana chama a uma <i>conversão estrutural</i>: transformar os sistemas que geram injustiça. Enquanto Friedman sugere redes de segurança para mitigar os efeitos das mudanças, os franciscanos vão além, defendendo transformações sistêmicas que coloquem no centro os pobres e os marginalizados.</p>

Em vez de simplesmente ajudar os indivíduos a sobreviver às mudanças rápidas, a teologia franciscana convida as pessoas a *transformar a própria natureza da mudança* – guiando-a rumo a uma justiça, fraternidade e cuidado da criação maiores. Ao fundamentar a adaptação na ***conversão contínua, na comunidade, no discernimento ético e na missão***, a sabedoria franciscana propõe uma resposta de esperança e de contracultura às preocupações de Friedman e às grandes forças traçadas por Zakaria – uma resposta profundamente necessária em nosso mundo em aceleração.

Conclusão: Uma resposta franciscana à era das acelerações

Nesta *era das acelerações*, onde os avanços tecnológicos, a globalização, as mudanças de identidade e as convulsões geopolíticas geram uma ansiedade generalizada, a tradição franciscana oferece uma resposta transformadora. Enquanto Thomas Friedman e outros analistas contemporâneos, como Fareed Zakaria, identificam na velocidade avassaladora da mudança uma fonte de desorientação, a teologia franciscana a reformula como uma oportunidade de renovação, de aprofundamento das relações humanas e de promoção de um mundo mais justo e compassivo.

Em vez de se adaptarem passivamente à mudança, os franciscanos abraçam um modelo de *conversão contínua*, respondendo constantemente às exigências em evolução da sociedade com humildade, criatividade e fraternidade. A tradição franciscana requer instituições dinâmicas que atuem como comunidades de serviço flexíveis, em vez que como burocracias rígidas. Em contraste com o hiperindividualismo, a fraternidade franciscana promove comunidades sólidas, nas quais a mudança é enfrentada na solidariedade e não no isolamento. Esta perspectiva desloca a resposta à mudança do simples sobreviver para uma transformação significativa.

No plano ético, os franciscanos enfrentam a mudança através das lentes da ecologia integral e das relações corretas, certificando-se que os progressos tecnológicos e econômicos respeitem a dignidade humana e o bem-estar da criação. Além disso, em vez de se refugiarem na segurança institucional, os franciscanos concebem a missão como um compromisso proativo com o mundo, respondendo às realidades sociais, econômicas e políticas com um espírito de paz e justiça.

Em última análise, a visão franciscana não se limita apenas a ajudar as pessoas a lidar com a mudança – ela visa transformar a própria natureza da mudança. Ao ancorar as respostas na humildade, na fraternidade, na contemplação e na missão, a sabedoria franciscana traça um percurso de contracultura, mas profundamente esperançoso, num mundo marcado pela incerteza e pelas convulsões. Isso nos lembra que, como Francisco que se apresentou nu na praça pública, a verdadeira liberdade não está no controle, mas na confiança radical, na solidariedade e num empenho inabalável para a reparação do mundo.

Questões para discussão

1. Estar na praça pública: o testemunho franciscano

Couturier evidencia como a desapropriação radical de Francisco e sua entrada na praça pública marcaram um novo modo de estar no mundo – um modo que confia plenamente em Deus e abraça o espaço relacional de "todo o lugar".

- No mundo de hoje, como podemos nós e nossas comunidades estar na praça pública como testemunhas autênticas do amor e da justiça de Cristo?
- O que significa para nossas congregações abraçar a expropriação e a confiança radical em Deus, não só espiritualmente, mas também na tomada de decisões práticas?

2. A Santa Atenção e o Olhar Contemplativo

Inspirando-se em Clara de Assis, Couturier evidencia a importância de um olhar contemplativo – fixar o olhar em Cristo, meditar sobre Sua vida, contemplar Seu amor e imitar Sua humildade.

- Como podemos cultivar um olhar contemplativo mais profundo em nossa liderança e nos processos de tomada de decisão?
- Como um compromisso com a "santa atenção" pode nos ajudar a lidar com as complexidades da sociedade contemporânea e a nos empenharmos com mais eficácia contra as injustiças globais?

3. Uma resposta franciscana à "era das acelerações"

Couturier analisa como a globalização, a tecnologia, as mudanças identitárias e a geopolítica estejam remodelando o mundo com um ritmo avassalador. A estas ansiedades ele contrapõe a visão franciscana de instituições dinâmicas, orientadas à missão e enraizadas na fraternidade e na conversão contínua.

- Como podem as comunidades religiosas responder a estas mudanças rápidas com resiliência, fraternidade e esperança?
- Que medidas concretas podemos tomar para garantir que nossos ministérios permaneçam adaptáveis, mas profundamente enraizados nos valores franciscanos, em particular num mundo cada vez mais marcado pelo individualismo e pela polarização política?



CONGRESSO



REPARANDO A CASA: CUIDADO BASEADO EM MISSÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO

Fr. David B. Couturier

*OFM. Cap., PhD., DMin. é Professor Associado de Teologia e Estudos Franciscanos
e Diretor do Instituto Franciscano
na St. Bonaventure University (USA)*

Idioma original: Inglês



Introdução: O problema do cuidado no mundo de hoje

Na última apresentação, discuti um paradoxo sobre o cuidado com os pobres e vulneráveis. O primeiro lado do paradoxo era a imagem intensa e dramática de Francisco deixando a praça pública e indo servir e residir com os leprosos numa colônia aos pés da cidade de Assis. Francisco não atirava moedas nas mãos dos leprosos como costumava fazer, nem beijava aquelas mãos deformadas, como mais recentemente havia começado a fazer. Ele agora abraçava a vida dos leprosos e estabelecia entre eles sua residência permanente. A notícia chocante para sua família e seus amigos foi saber que ele ia morar com os leprosos.

O adjetivo Dramático não basta para definir exatamente a deslocação extraordinária que tudo isso representa em relação ao seu estilo de vida enquanto filho de um rico comerciante. Crescendo num lar cristão, Francisco e sua família conheciam bem e (temiam) os leprosos. O horrível aspecto e o cheiro pútrido deles eram bem conhecidos, assim como o sentimento de repulsa que o adolescente Francisco experimentava ao chegar nos arredores da colônia de leprosos.

Embora a família de Francisco evitasse os leprosos, provavelmente não deixavam de cumprir seu "dever" de cristãos para com eles, enviando-lhes alimentos e mercadorias através de terceiros. Quase certamente não havia nenhum contato direto ou conversas face a face. Volker Leppin, em sua biografia de Francisco recém-traduzida, sugere que o cuidado da família Bernardone para com os leprosos era superficial.

O novo cuidado de Francisco para com os leprosos não podia ser um repúdio mais provocatório dos valores comerciais de seu pai. Este lado do paradoxo nos dá a imagem de um jovem disposto a cuidar dos leprosos da maneira mais pessoal e direta possível.

Há outro lado do paradoxo que estamos discutindo. Ele envolve a maneira como nossa sociedade, apesar de nossos valores franciscanos, está cada vez mais desvalorizando o cuidado. Por um lado, o cuidado está no centro de nosso chamado franciscano. Por outro lado, o cuidado está sob grave ameaça nas mentes, corações e bolsos do mundo de hoje.

O cuidado está no coração do que significa ser humanos, religiosos e franciscanos. Ele expressa nossa interconexão, nossa responsabilidade uns com os outros e nossa vulnerabilidade compartilhada. No entanto, o cuidado tornou-se cada vez mais difícil de sustentar no mundo moderno. Forças culturais, econômicas e tecnológicas corroeram as relações profundas e recíprocas que promovem um cuidado genuíno. Em vez disso, o cuidado é frequentemente reduzido a uma mercadoria, um dever ou uma reflexão tardia nas sociedades que priorizam a eficiência, o sucesso individual e o crescimento econômico. O problema do cuidado no mundo contemporâneo é experimentado na mercantilização do cuidado, na ascensão do hiperindividualismo, nos efeitos da mediação tecnológica, no papel das barreiras econômicas e políticas e nos desafios morais e espirituais que surgem numa cultura que muitas vezes negligencia seus membros mais vulneráveis, invocando um senso de dever moral e responsabilidade espiritual.



A mercantilização do cuidado

Nas economias modernas, o cuidado tem sido cada vez mais reduzido a uma troca transacional. Saúde, cuidados com as crianças, cuidados com idosos e até educação - áreas que deveriam se fundar nas relações de confiança e preocupação recíproca - são frequentemente tratadas como serviços a serem comprados e vendidos. Esta mercantilização cria vários problemas. Primeiro, leva à

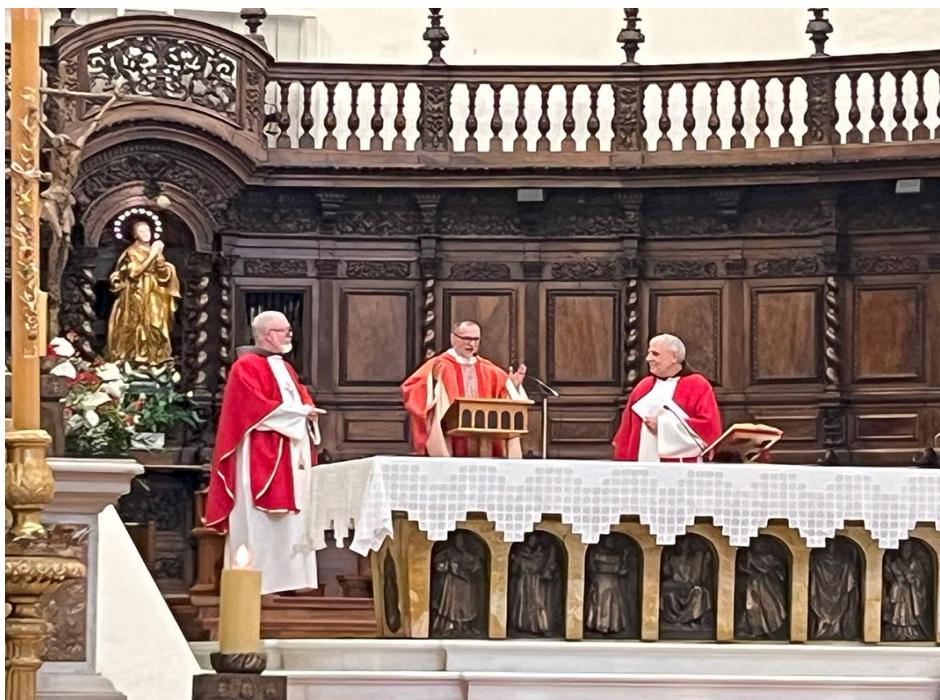
subvalorização do trabalho do cuidado, quer do ponto de vista financeiro quer social. Enfermeiros, professores, cuidadores e assistentes sociais - aqueles cujas profissões são mais dedicadas ao cuidado - são frequentemente mal pagos, sobrecarregados e recebem pouco apoio institucional. Seu trabalho é visto como uma necessidade, mas não uma prioridade, refletindo uma falha social mais ampla em reconhecer a dignidade inerente ao cuidado.

Em segundo lugar, a mercantilização do cuidado cria desigualdades. Aqueles que podem pagar por serviços de cuidados de alta qualidade os recebem, enquanto aqueles que não podem ficam com opções inadequadas ou inacessíveis. Idosos, pessoas com deficiências e crianças de famílias de baixa renda geralmente são os que mais sofrem neste sistema. O cuidado torna-se não um direito universal, mas um privilégio, aprofundando as divisões sociais e marginalizando os mais necessitados.

O Hiperindividualismo e o Declínio dos laços comunitários

Outro desafio significativo para o cuidado no mundo moderno é o aparecimento do hiperindividualismo. Muitas sociedades hoje priorizam a realização pessoal, a autossuficiência e a independência contra a responsabilidade comunitária. A ideia do indivíduo "*self-made*", que alcança o sucesso sem precisar dos outros, domina as narrativas culturais. Essa visão do mundo corrói as estruturas que sustentam o cuidado, como redes familiares, comunidades religiosas e sistemas de apoio locais.

Apesar de sua promessa de conectividade, a mídia social muitas vezes reforça o individualismo em vez da comunidade genuína. As interações online, embora convenientes, carecem da profundidade, vulnerabilidade e presença mútua necessárias para um atendimento genuíno. Como resultado, a solidão e o isolamento social estão aumentando, principalmente entre idosos e jovens adultos. Sem fortes laços comunitários, o cuidado se torna mais difícil de sustentar, levando a uma epidemia de negligência e desconexão emocional.



Mediação Tecnológica das Relações Humanas

A tecnologia reformulou o modo como cuidamos uns dos outros, às vezes para melhor, mas frequentemente com um custo. Embora os avanços na tele medicina, na comunicação digital e na inteligência artificial tenham melhorado o acesso aos cuidados, introduziram também novos desafios. Sistemas automatizados, tomada de decisão baseada em dados e plataformas digitais, muitas vezes substituem a interação humana por algoritmos orientados à eficiência.

Uma consequência desta mudança é a despersonalização do atendimento. Os médicos muitas vezes chegam a passar mais tempo interagindo com registros médicos eletrônicos do que com seus pacientes em ambientes de saúde. Enfatizar os resultados mensuráveis e a otimização dos custos pode ofuscar os aspectos pessoais e relacionais do cuidado. Da mesma forma, na educação, as ferramentas de aprendizagem online, embora úteis, não podem substituir a orientação, a presença e a guia que os professores fornecem pessoalmente.

Além disso, a crescente dependência de soluções digitais podem aumentar a disparidade no atendimento. Aqueles que não têm acesso à tecnologia - seja por pobreza, idade ou deficiência - são frequentemente deixados para trás. O desafio é integrar a tecnologia para aprimorar, em vez de substituir, a conexão humana genuína.

Barreiras políticas e econômicas para uma Cultura do Cuidado

As economias modernas priorizam o crescimento e a eficiência do mercado em detrimento do bem-estar humano. Este modelo econômico tem consequências significativas para as estruturas do cuidado. Muitas políticas tratam o cuidado como um fardo financeiro e não como um bem social. A licença parental remunerada, o apoio aos cuidados com os idosos e os serviços de saúde mental são muitas vezes inadequados, refletindo uma abordagem que valoriza mais a produtividade do que a dignidade humana.

Além disso, o trabalho do cuidado é desproporcionalmente realizado por mulheres e por comunidades marginalizadas, socialmente estigmatizadas com remuneração ou reconhecimento inadequados. Esta dinâmica reflete uma falha mais ampla em distribuir as responsabilidades de cuidado de forma equitativa. Em vez de ser um compromisso social compartilhado, o cuidado é frequentemente relegado àqueles com menos poder para exigir condições justas ou remuneração.

Uma sociedade mais justa reconheceria o cuidado como uma parte essencial do florescimento humano, não como um custo econômico a ser minimizado. Isso requer de repensar as políticas trabalhistas, os sistemas de saúde e as estruturas de apoio social, para garantir que o atendimento seja valorizado, acessível e distribuído de forma justa. Embora nós franciscanos possamos nos tornar uma rede de defesa social mais robusta, permanecemos altamente provinciais e congregacionais em nossas ações. Concentrar-se na "compaixão internacional de Cristo" poderia galvanizar os esforços até mesmo de pequenas congregações para fazer a diferença no cuidado dos pobres e vulneráveis.

Dimensões morais e espirituais da Crise do Cuidado

Além de suas dimensões econômicas e sociais, a crise do cuidado é também uma questão moral e espiritual. O Papa Francisco tem frequentemente alertado contra a "cultura do descarte", na qual os mais vulneráveis – especialmente os idosos, os doentes e os pobres – são tratados como fardos e não como pessoas dignas. Esta atitude cultural favorece a indiferença, onde o cuidado já não é visto como uma obrigação moral, mas como um ato facultativo de caridade.

Numa perspectiva franciscana, o cuidado fundado na missão expressa amor, humildade e solidariedade. São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis encarnaram um compromisso radical com o cuidado, abraçando os pobres, os doentes e os marginalizados não por obrigação, mas por um reconhecimento da humanidade compartilhada como irmãs e irmãos sob um Deus bom e amoroso. Essa tradição desafia as sociedades modernas a ir além dos modelos transacionais de atendimento e a cultivar uma ética transformadora de compromisso profundo e pessoal com os outros.

Teologicamente, a compreensão cristã do cuidado está enraizada na Encarnação – o ato de Deus de vir habitar entre os homens em Jesus Cristo. O ministério de Jesus foi marcado por cuidados que foram além das normas sociais, abrangendo leprosos, pecadores e marginalizados. Num mundo que muitas vezes se distancia do sofrimento dos outros, este exemplo exige um reexame de como o cuidado é praticado hoje.

Um caminho a seguir: restaurando um ethos de cuidado

Enfrentar a crise do cuidado requer mudanças estruturais e culturais. Num nível prático, as sociedades devem investir em políticas que apoiem os cuidadores, promovam o acesso equitativo aos cuidados e resistam à mercantilização dos serviços humanos essenciais. Instituições educacionais, comunidades religiosas, ordens religiosas e organizações cívicas devem cultivar ativamente culturas de cuidado onde a responsabilidade mútua e a compaixão estão no centro de sua missão.

Num nível mais profundo, restaurar um ethos de cuidado requer uma mudança de valores. Isso significa resistir às forças do hiper individualismo, recuperar a importância da comunidade e reconhecer que o cuidado não é um fardo, mas um aspecto fundamental do que significa ser humano. Trata-se de promover hábitos de presença, atenção e solidariedade – hábitos que sustentam relações de cuidado genuíno num mundo muitas vezes indiferente.

Segundo as palavras do Papa Francisco, "a grande miséria no mundo de hoje é a falta de amor". A crise do cuidado no mundo moderno é, em sua essência, uma crise de amor - uma incapacidade de ver e responder à dignidade dos outros. Superar esta crise requer um compromisso renovado com o cuidado, não guiado pelo lucro ou pela obrigação, mas pelo reconhecimento de nossa humanidade compartilhada.

Construindo Comunidades Contemplativas de Cuidado

O andamento de nossas discussões desta semana nos leva à nossa tese central: que num mundo complexo de acelerações em todos os níveis e em todas as partes de nossas vidas, quer vivamos no Norte ou no Sul, seja no Oriente ou no Ocidente, as comunidades franciscanas são necessárias como comunidades contemplativas de cuidado num mundo cada vez mais isolado, individualista, desencantado e transacional.

O que significa "cuidar"? O que significa, para as comunidades religiosas, cuidar umas das outras e do mundo no sentido prático e concreta? Sua comunidade considerou seu nível de cuidado? Você sabe quanto e se seus métodos de cuidado são práticos e eficientes? O cuidado se aplica apenas aos enfermos? Aplica-se de forma realista e de suporte aos que continuam trabalhando? Os superiores e ministros em nossos casas e conventos recebem cuidados adequados? Estamos excessivamente ocupados ou distraídos para cuidar de modo adequado? Estas são perguntas difíceis. Mas a crise de alienação e a epidemia de solidão em nossas sociedades merecem outro olhar.

Mais um passo é necessário agora para a transformação moral de nossas instituições religiosas. Devemos decidir de ser uma sociedade de cuidado e formar instituições de cuidado pois, dizer a verdade nos ajudou a tomar consciência de nossa vulnerabilidade e dependência e nos levou à capacidade de resposta e responsabilidade. Nossa intenção não será mais de nos tornarmos prioritariamente uns quase-centros de lucro, mas, antes, centros de cuidado e compaixão. Isso pode soar fraco, mas somente porque, muitas vezes, minimizamos e descartamos a importância e a centralidade crítica do cuidado em nossas vidas pessoais e sociais. Privatizamos o cuidado de nossa consciência pública, deste modo, na praça pública sobra espaço apenas para gerar o lucro.

A pesquisa tem se desenvolvido sobre a necessidade de assumir o cuidado mais seriamente e centralmente em todas as dimensões de nossas vidas. Como observa Joan Tronto, uma das pesquisadoras mais intensas e talentosas do cuidado:

As preocupações com o cuidado, de fato, permeiam nossas vidas diárias, as instituições no mercado moderno e os corredores do governo. Nós tendemos a seguir a divisão tradicional do mundo em esferas pública e privada e pensar no cuidado como um aspecto da vida privada, por isso o cuidado está associado, geralmente, às atividades domésticas. Por conseguinte, na nossa cultura o cuidado é significativamente subvalorizado: na suposição de que o cuidado é de alguma forma "trabalho de mulher", na percepção de ocupação de cuidado, nos salários dos trabalhadores envolvidos na prestação de cuidados, na suposição de que o cuidado é um trabalho servil. Uma das tarefas centrais para as pessoas envolvidas no cuidado é a de operar uma mudança do valor público global associado ao cuidado. Quando nossos valores públicos e nossas prioridades refletirão o papel do cuidado em nossas vidas, nosso mundo será organizado de maneira bem diferente.



A Tronto definiu uma ética do cuidado desta forma:

Uma ética do cuidado é uma abordagem da vida pessoal, social, moral e política que parte da realidade de que todos os seres humanos precisam, recebem e cuidam dos outros. As relações de cuidado entre os seres humanos fazem parte daquilo que nos marca como seres humanos. Somos sempre seres interdependentes.

Nossa economia ainda não foi construída sobre os princípios e a lógica do cuidado. Joan Tronto é uma cientista política que nos últimos vinte e cinco anos escreveu muito sobre o cuidado, promovendo esta mudança.

Ela define o cuidado como:

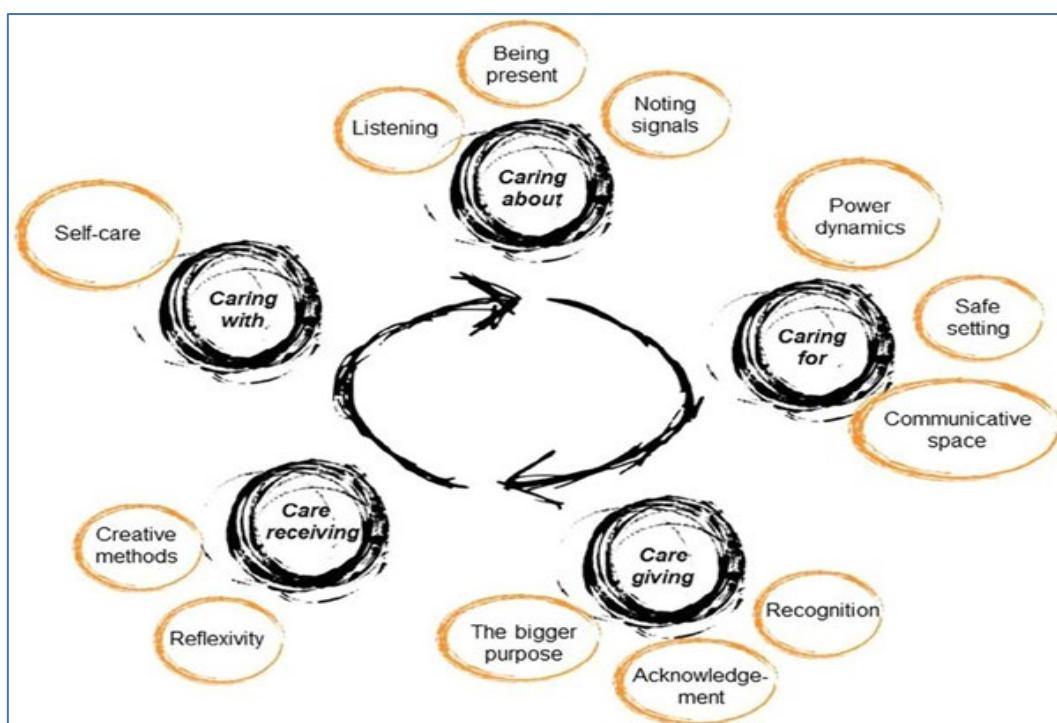
Uma atividade de espécie que inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar nosso mundo, para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Este mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso ambiente, procurando entrelaçar tudo isso numa teia complexa e sustentadora da vida.

A Tronto sugeriu um processo de cuidar em cinco fases:

1. **Caring about.** A primeira etapa do cuidado diz respeito à dinâmica de tomar consciência e prestar atenção às necessidades do cuidar. O cuidado genuíno requer atenção aos sinais da necessidade de cuidado através da escuta e da presença que sejam as mais completas possível. A Tronto indica que essa "presença intencional" significa:

"Ser capaz de perceber as necessidades em si mesmo e nos outros e percebê-las com o mínimo de distorção possível, o que poderia ser considerado uma qualidade moral ou ética."

2. **Caring for.** "Caring for" é a fase do cuidado em que um indivíduo ou um grupo assume a responsabilidade de atender às necessidades que foram identificadas. Não basta ver a necessidade de cuidados, as pessoas têm que assumir a responsabilidade de atender à necessidade. Isso inclui a dinâmica do planejamento essencial: organização, orçamento, gerenciamento e monitoramento de recursos e de pessoal. A dimensão moral do *Caring for* é assumir e levar a sério responsabilidades, deveres e obrigações. É também a zona que envolve a dinâmica de poder do cuidado: por exemplo, como os indivíduos recebem a "atenção" dos cuidadores, dos prestadores de cuidados (o estabelecimento médico, as seguradoras e seus tomadores de decisão)? Como podemos fazer para que uma burocracia atenda nossos chamados e escute com atenção e precisão o que estamos dizendo?



3. **Caregiving.** Esta terceira fase envolve o real atendimento material da necessidade de cuidado. Envolve o conhecimento exato e preciso de como cuidar adequadamente desta pessoa ou grupo. Envolve tarefas, funções e autorização. Esta é a dimensão da competência que, como vimos, é um ingrediente crítico para construir a confiança. Na teorização da Tronto, o cuidado incompetente não é apenas um problema técnico, uma questão de eficiência técnica, é também profundamente moral, pois instituições e indivíduos medeiam as diferenças (às vezes inconscientes) entre tarefas atribuídas e tarefas realizadas, papéis oferecidos e papéis assumidos, autorização fornecida e autorização recusada.
4. **Care Receiving.** A Tronto explora a quarta fase em sua teoria moral do cuidado. Esta fase considera a resposta da coisa, pessoa ou grupo que recebeu o cuidado. Nesta etapa surgem questões específicas, como, por exemplo, se as necessidades foram atendidas. O cuidado foi bem-sucedido ou falhou? Como a pessoa ou grupo recebeu o atendimento prestado? Nesta fase questiona-se se as necessidades foram atendidas, se o cuidado foi bem-sucedido e qual é a resposta ao cuidado que foi prestado. A Tronto trata da complexidade da "responsividade" e de quanto esta fase seja crítica, no pressuposto de um tratamento adequado, pois a recepção do cuidado é sempre um evento distinto, único e pessoal, que pode abrir novas oportunidades e novas necessidades de cuidado:

A capacidade de resposta é complexa porque compartilha o fardo moral entre a pessoa, as coisas ou grupo que recebeu o cuidado, mas também envolve a atenção moral daqueles que estão fazendo o trabalho de cuidado e daqueles que são responsáveis pelo cuidado. Uma vez que todo ato de cuidado pode alterar a situação e produzir novas necessidades de cuidado, o círculo do processo de cuidar, exigindo mais atenção na capacidade de resposta, fecha-se.

5. **Caring with:** A Tronto acrescentou uma quinta etapa ao processo de cuidar, que é o ato de "Caring with". O que a Tronto entende com este termo é a necessidade que os cuidadores sejam profundamente auto reflexivos e responsivos no contexto. Aqui, cuidadores e receptores de cuidados consideram os mais amplos contextos, desafios, debates e falhas no grande esquema das coisas. Dito de forma mais sucinta, reconhecemos, aqui, que nossos atos de cuidado são desenvolvidos ou diminuídos dentro de redes mais amplas de sistemas de cuidado (ou não cuidado) em nossas democracias. Supõe-se que nossas nações sejam os "contêineres do cuidado". Aqui, os "mercados" encontram o "estado" na consciência, na atenção e na capacidade de responder às necessidades ao nível local, nacional e, hoje, como nossa recente pandemia nos lembra, também ao nível global. É exatamente aqui que a virtude do cuidado se cruza com a solidariedade e a confiança, como sugere a Tronto:

Quando o cuidado recebe resposta, através do care-receiving, e novas necessidades são identificadas, voltamos à primeira fase e recomeçamos. Quando, com o passar do tempo, as pessoas começam a esperar que haverá um tal envolvimento contínuo nos processos de cuidado com outras pessoas, chegamos ao "caring with". As virtudes dele são confiança e solidariedade. A confiança aumenta à medida que as pessoas percebem que podem contar com outras pessoas para participar de seus cuidados e atividades de cuidado. A solidariedade se forma quando os cidadãos chegam a entender que estão mais envolvidos nestes processos de cuidado juntos do que sozinhos. Como as democracias assistenciais abordariam os problemas dos déficits de atendimento? Certamente, não seria aceitável repassá-los aos mais vulneráveis. Nem permitir a importação de mão de obra para resolver os déficits de cuidado. Nessa perspectiva, a hipocrisia de permitir que os cuidadores entrem no Estado para prestar trabalho de cuidado assume um significado diferente.

Uma visão para o cuidado pastoral no século 21

No mundo de hoje, a formação pastoral não é mais apenas preparar uma força de trabalho para o ministério – trata-se de formar líderes compassivos, atenciosos e visionários que possam dar vida ao Evangelho numa sociedade em rápida mudança. Enquanto as gerações passadas eram formadas para defender a fé e apoiar as comunidades dos migrantes que enfrentavam dificuldades, hoje nossa missão de cuidado pastoral se expandiu. Somos chamados a formar líderes que possam inspirar, reparar e construir comunidades vibrantes de fé e serviço.

A formação pastoral moderna vai além da aquisição de diplomas ou do aprendizado de tarefas ministeriais específicas; trata-se de desenvolver o coração, a mente e o espírito para servir com sabedoria, humildade e coragem. Enraizada na inspiração bíblica e na rica tradição de cuidado pastoral da Igreja, esta formação nutre inteligência emocional, resiliência e um empenho profundo com a dignidade humana. Ela desafia os futuros líderes a serem agentes de reparação e unidade, respondendo às necessidades da Igreja e da sociedade com criatividade e fé.

O objetivo do cuidado baseado na missão é, hoje, cultivar religiosos que:

- **Compartilhem uma visão persuasiva** de fé, articulando a missão da Igreja e o carisma fundador de suas comunidades.
- **Lideram com colaboração e propósito**, promovendo parcerias que aumentem a eficácia da missão.
- **Capacitam os outros**, construindo uma cultura de apoio mútuo e cuidado pastoral, em particular em tempos difíceis.
- **Navegam os conflito com graça e sabedoria**, transformando as divisões em oportunidades de crescimento e reconciliação.
- **Criam espaços de encontro**, reunindo pessoas em oração, serviço, aprendizagem e diálogo para aprofundar a fé e a solidariedade.

Esta nova era de cuidado baseado na missão exige um espírito de inovação, coragem e fé profundamente enraizada. À medida que avançamos, abraçamos o desafio de formar líderes que não apenas levem adiante a missão franciscana, mas que também a transformem com energia renovada e amor pelas pessoas a quem servem. Devido à crescente mercantilização do cuidado e ao aparecimento de formas de cuidado transacional, os líderes congregacionais devem avaliar os níveis de cuidado em suas comunidades. Referimos a seguir um questionário que pode ajudar a revelar uma "autobiografia do cuidado" de um indivíduo, evidenciando seu desenvolvimento na compreensão e na prática do cuidado pastoral.

Perguntas para avaliar as teologias operativas do cuidado

Conversão pessoal

- A. Quais trabalhos você fez e quais níveis de responsabilidade você atingiu no âmbito escolar ou laboral?
- B. De que modo você atuou no voluntariado?
- C. Qual é a sua filosofia pessoal sobre cuidado, caridade e justiça? Como você tentou viver esta filosofia? Quais sucessos você alcançou e quais obstáculos encontrou ao viver sua missão pessoal e sua vocação para o cuidado?
- D. Quais trechos da Escritura são mais significativos quando você pensa em serviço, ministério e liderança na Igreja?
- E. Como você se avaliaria como líder em sua comunidade paroquial e em seu grupo de amigos?
- F. Quais habilidades e características pessoais você possui que poderiam ser valorizadas para ajudá-la a se tornar uma líder na comunidade? Que desafios ou características, em vez, poderiam impedir este desenvolvimento?
- G. Como você lida com seu tempo e com o estresse?

Conversão interpessoal

- A. Quais eram as regras da sua família sobre o voluntariado e sobre "devolver" algo à sociedade?
- B. Que tipo de voluntariado praticavam sua mãe, seu pai, seus avós e irmãos? Quem você considera como seus modelos de serviço na sociedade e na Igreja?
- C. Como você passou as férias de primavera durante a universidade? De que modo seus amigos faziam voluntariado e contribuíam com a sociedade durante a escola média, a universidade e depois dela?
- D. De quais grupos ou equipes você tomou parte durante a escola média, a universidade (e além dela)?

Conversão eclesial

- A. De que modo a paróquia onde você cresceu cuidou das necessidades da comunidade e dos pobres?
- B. Como sua paróquia desenvolvia a liderança na congregação? Como a paróquia manifesta e realiza sua missão no bairro?

Conversão estrutural

- A. Como sua família, seus amigos e sua paróquia entendiam e discutiam as injustiças no mundo?
- B. O que você aprendeu sobre suas obrigações e sua capacidade de fazer a diferença no mundo?
- C. Você já tomou parte em organizações que procuram eliminar a pobreza, promover a vida ou suportar a mudança social segundo a doutrina social da Igreja?
- D. Como você entende, hoje, a missão da Igreja no mundo?

Conclusão: Abraçando um futuro do Cuidado Baseado na Missão

Ao longo deste ensaio, exploramos os desafios e oportunidades que cercam o cuidado no mundo moderno. A mercantilização do cuidado, o aumento do hiper individualismo e a crescente dependência da mediação tecnológica constituem obstáculos para promover relacionamentos de cuidado autênticos. As estruturas econômicas e políticas muitas vezes priorizam a eficiência e o lucro sobre em detrimento da dignidade humana, enquanto a apatia moral e espiritual ameaça os próprios fundamentos da compaixão e da solidariedade. No entanto, apesar destes desafios, a tradição franciscana – e o mais amplo chamado cristão ao cuidado – oferece uma resposta contracultural que reafirma a necessidade de um cuidados profundo, intencional e transformador.

O cuidado baseado na missão não é um ideal passivo, mas um compromisso ativo. Requer atenção às necessidades dos outros, disposição para assumir responsabilidades e dedicação à formação de comunidades onde a confiança, a solidariedade e a compaixão floresçam. Inspirados por São Francisco e Santa Clara nos cabe lembrar que o cuidado adequado não é meramente transacional, mas relacional e não é simplesmente eficiente, mas profundamente humano. Num mundo cada vez mais marcado pelo isolamento e o desapego, somos chamados a ser comunidades contemplativas de cuidado – lugares onde as pessoas são realmente vistas, valorizadas e apoiadas.

Que isso seja um encorajamento, pois, embora restaurar um ethos de cuidado seja complexo, também é profundamente gratificante. Cada ato de cuidado, por menor que seja, contribui para a construção de um mundo mais justo, compassivo e amoroso. Como o Papa Francisco nos lembra, *'A grande miséria no mundo de hoje é a falta de amor'*. Sejamos então portadores de amor, reparadores de divisão e construtores de comunidades onde o cuidado baseado na missão não é apenas um princípio, mas um estilo de vida.



Perguntas para discussão:

1. Redescobrir o cuidado baseado na missão na vida religiosa

Couturier argumenta que o cuidado foi mercantilizado, desvalorizado e ofuscado pelo hiper individualismo e pelas prioridades econômicas. Ao mesmo tempo, ele chama as comunidades religiosas para recuperem seu papel como "comunidades contemplativas de cuidado".

- De que modo as congregações religiosas podem recentrar o cuidado baseado na missão em suas comunidades e ministérios?
- Que medidas podemos tomar para garantir que o cuidado - tanto em nossas comunidades quanto ao nosso alcance - não seja reduzido a um serviço transacional, mas permaneça profundamente relacional e transformador?

2. Enfrentar a crise de cuidado num mundo em mudança

O mundo moderno apresenta novos desafios para o cuidado autêntico, incluindo disparidades econômicas, o impacto da tecnologia nas relações humanas e a crescente cultura de isolamento.

- Quais são os maiores obstáculos que sua congregação enfrenta para sustentar uma cultura do cuidado?
- Como podemos responder, enquanto líderes religiosos, à crescente "crise do cuidado" global de modo a poder defender a dignidade humana, os valores franciscanos e o bem comum?

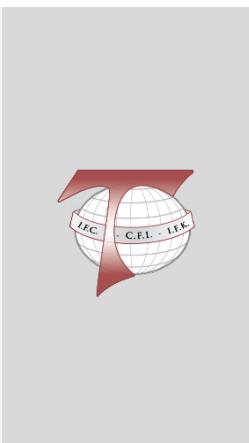
3. Formar futuros líderes para uma cultura do cuidado

Couturier enfatiza a importância de formar líderes que incorporem compaixão, missão e cuidado, em vez de simplesmente formar profissionais para o ministério.

- Como podemos elaborar programas de formação que preparem líderes religiosos para serem agentes de reparação, solidariedade e cuidado pastoral?
- De que maneira podemos integrar a "santa atenção" e o "caring with" nas estruturas de nossas congregações para que promovam a renovação contínua em vez da manutenção institucional?

Grupo Português





Propositum é um periódico de história franciscana e espiritualidade da Terceira Ordem Regular publicado pela Conferência Franciscana Internacional dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco - CFI-TOR.

Propositum recebe seu nome e inspiração do “*Franciscanum Vitae Propositum*”, a carta Apostólica de 8 de dezembro de 1982, na qual Sua Santidade o Papa João Paulo II aprovou e promulgou a Regra e Vida revisada dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de S. Francisco.

A revista é publicada em Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Português.

O arquivo completo das publicações de **Propositum** está disponível em
www.ifc-tor.org/pt-br/propositum